

# “Às vezes, os bancos são intelectualmente preguiçosos”, diz futurólogo alemão

Gerd Leonhard analisa o impacto das novas tecnologias no sistema financeiro e outros setores da economia

09/09/2018 - 06h07 - Atualizada às 13h21 - POR DEBORAH BELINCK, DE ZURIQUE, NA SUÍÇA



Gerd Leonhard

O alemão Gerd Leonhard, de 57 anos, é um sujeito eclético. Formado em Teologia e Ciências Sociais, ele já foi músico de rock, ativista do Partido Verde e empreendedor. Hoje escreve livros, faz palestras e é um dos consultores mais cobiçados da Europa. Futurólogo, ele se dedica a orientar as empresas a desenvolver estratégias para enfrentar os desafios impostos pelos novos tempos. De Zurique, na Suíça, onde mora, Gerd conversou

com exclusividade com Época NEGÓCIOS. A sequência da entrevista você encontra na [versão impressa da revista](#).

## **Até que ponto empresas de tecnologia, como Facebook, Google e Alibaba, ameaçam os bancos?**

Os serviços bancários pressupõem uma série de atividades. Se você analisar as transferências ponto a ponto (*peer to peer*), a efetivação de pagamentos, as compras on-line, os bancos serão eliminados. Plataformas digitais como WhatsApp, WeChat, Tencent, Baidu, estão gerindo a vida online das pessoas. Se eu precisar comprar um chapéu, não preciso de um banco. É o que está acontecendo com o pagamento da Apple. Estamos assistindo a uma desintermediação no setor bancário. Todas as coisas fáceis, como fazer um pagamento on-line ou compartilhar uma conta quando vamos comer fora, podem ser feitas com nossos celulares. Os cartões de crédito, que fazem bilhões de dólares hoje, eventualmente podem desaparecer.

## **Em quanto tempo?**

Isso não deve acontecer a curto prazo. Cartões de crédito são apenas um veículo para dizer: você tem dinheiro e alguém pode aceitá-lo. Blockchain pode fazer isso de graça. As empresas de cartão de crédito estão ganhando muito dinheiro para não fazer absolutamente nada, exceto garantir a segurança da transação. Se eu precisar de US\$ 2 mil para comprar um caminhão no Vietnã, posso conseguir um empréstimo ponto a ponto. Se, no entanto, eu precisar de US \$ 2 bilhões para construir um prédio, é improvável que eu consiga isso de um peer to peer. Os bancos têm uma boa chance de desenvolver novos modelos de negócios, mas estão mal acostumados pelos fluxos de receita. Cobram muito dinheiro para enviar US\$ 100 ao Brasil e às vezes são intelectualmente preguiçosos, como as gravadoras de disco. Também são protegidos por regulamentação. No Brasil, apenas quatro caras (*que comandam grandes bancos*) fazem tudo. Isso vai mudar e os bancos serão forçados a olhar para as empresas de mídia como um mau exemplo de como elas não querem que aconteçam.

## **Grandes bancos, como o suíço UBS, estão abrindo laboratório**

## **de blockchain.**

Blockchain é um tópico diferente. Os bancos têm exatamente o mesmo problema que as empresas de mídia. Eles tinham uma enorme vantagem competitiva, estavam maximizando os lucros, mas os mantinham para eles. Eles deveriam aproveitar o lucro enorme que têm para investir na construção da próxima geração de empresas. A próxima geração já está aqui, mas não são eles. É o Google, Facebook, Alibaba, Baidu, Tencent. As empresas de tecnologia levarão metade do dinheiro dos bancos, se eles não encontrarem uma forma de colaborar.

## **Quanto tempo levará até que notas bancárias sejam completamente substituídas por dinheiro digital e criptomoedas?**

Isso também é cultural. A questão em torno da substituição da moeda por digital é a privacidade. Eu odeio dinheiro, porque eu viajo muito. Por outro lado, sem dinheiro vivo, você não pode dar uma gorjeta, oferecer um presente a alguém ou comprar algo estranho – tudo seria rastreado. Esse é o maior problema. Eu não quero que cada centavo que gasto possa ser rastreado na internet. Isso pode ser perigoso. Se encontrarmos uma entidade digital que crie um “anonymizer” (*sistema que para manter atividades da internet privadas ou no anonimato*), então poderíamos ir todos para o digital. Isso não levará mais do que 50 anos para acontecer.

## **Qual será então o papel dos bancos centrais?**

Eu acho que deveríamos ter uma moeda digital como moeda principal, não o dólar ou o euro. Não falo de bitcoin, mas de uma moeda digital global. A questão sobre serviços bancários é que exigimos que os bancos tenham um backup, como o ouro, porque o dinheiro é uma ferramenta pública. Os governos não permitirão que os bancos sejam descentralizados. Seria o fim do capitalismo. Isso não vai acontecer. Blockchain será grande, mas não para dinheiro.

## **E o tão propalado embate entre computadores e humanos acontecerá?**

Já está acontecendo. E a luta é pela relevância. O problema não é se os

computadores vão assumir o controle ou nos matar –isso pode ser uma questão para daqui a 100 anos, não agora. O problema é darmos autoridade a um mecanismo de busca e dizermos que a máquina sabe mais do que nós --o que não é o caso. Na medicina, por exemplo, O IBM Medical Watson é muito poderoso, mas nem sempre é correto, nem sempre é melhor do que um humano. É apenas diferente. Muitos hospitais, inclusive, suspenderam seu uso. A tomada de decisão pelo supercomputador, segundo os analistas, nem sempre era a opção mais correta sob o ponto de vista humano. Máquina sabe muito, mas não capta toda a complexidade. Em muitos casos, o bom médico faz o diagnóstico apenas falando com você, olhando para você e cheirando você. O computador pode olhar para 1 bilhão de registros de câncer, mas não pode fazer isso. No futuro, a combinação ideal no futuro seria o humano no topo do computador.

**Em seu livro, você menciona a importância de se estabelecer fundamentos éticos, como um Conselho Global de Ética Digital. Mas há tantos acordos, como o dos Direitos Humanos, aceitos no papel, mas que não são realmente seguidos. O que o leva a pensar que as pessoas seguirão uma ética digital?**

O Tratado Nuclear de Não-Proliferação está sendo seguido, quebrado, violado, mas não teve uma bomba desde Hiroshima. Nós tivemos de ter uma bomba primeiro, e isso é ruim. Mas concordamos com essa convenção porque queremos sobreviver. Se um país viola o acordo, é excluído. Nós precisaremos disso para inteligência artificial e engenharia genética. Imagine o primeiro país que conseguir um computador de fato superinteligente, ele pode dominar o mundo, correto?

**Você fala com os governos sobre isso?**

Sim e todos os governos querem ser líderes em inteligência artificial. Os chineses e os americanos já têm uma corrida armamentista em engenharia genética. O problema é que essas coisas podem ser irreversíveis. Uma guerra nuclear explodindo em Zurique mataria todos nós, mas não destruiria o mundo. Máquinas superinteligentes na internet, porém, poderiam assumir o controle e não permitir que voltássemos.

**No Brasil, o agronegócio responde por 23% do PIB. Os avanços tecnológicos, como a biotecnologia, aumentam a produtividade de muitos fazendeiros. Em alguns lugares, porém, a agricultura é praticada como no século XIX –em vários casos, até com trabalho escravo. Como lidar com realidades tão díspares?**

Tudo se resume a como distribuir os benefícios da tecnologia. Eles existem no Brasil, mas a maioria dos brasileiros não usufrui de seus vantagens. Como você distribuir esses benefícios é uma questão para o governo. Se há muito dinheiro a ser feito pela tecnologia, o que é verdade em todos os lugares, então você tem de devolvê-lo ao sistema para mudar os processos agrícolas. Eu não estou falando sobre OGM (organismos geneticamente modificados), entre outros avanços. Refiro-me a impostos, programas, educação... Isso está acontecendo na Índia. As pessoas estão colocando o dinheiro de volta na infraestrutura. Tecnologia cria riqueza, mas hoje em dia, essa riqueza está concentrada nas mãos do detentores das ferramentas tecnológicas.

**Isso remonta ao antigo debate: se deixar para o mercado, você nunca irá redistribuir a riqueza.**

Quando você tem situações disfuncionais, não pode esperar que elas se resolvam sozinhas. O incentivo para não se resolver, para deixar tudo como está, é enorme. Nós regulamos companhias de petróleo, bancos, seguros, mas esses caras (*empresas de tecnologia*) não são regulados. Em última análise, quando as coisas se tornam tão poderosas, se você não tem regulamentação ou supervisão, é extremamente perigoso.